

Joseph Ki-Zerbo: a seiva alimentadora da identidade africana!

Nessa manhã, ficámos a saber pelo nosso irmão ao telefone, da morte do Professor Joseph Ki-Zerbo, pois na pequena encosta em que nos encontrávamos há três dias, tínhamos dificuldades em captar a rádio ou a encontrar jornais. Esta notícia trouxe-nos para a dura realidade: os nossos ícones partem!

Joseph Ki-Zerbo foi o último de uma geração que nos fez sonhar e que contribuiu sobretudo para o nosso rearmamento moral numa África em que a vivência diária esgota todas as nossas capacidades de reflexão.

Ele simbolizou o surgimento de uma intelligentsia africana nos anos 40. A necessidade de colocar e pensar os problemas do mundo fez da história uma disciplina guia. Ela vai situar-se no centro da sistematização da gestão científica e cultural da existência dos povos negros.

Efectivamente, quando nos anos 60 a maior parte dos africanos tiveram acesso à soberania internacional, os historiadores contribuíram muito para a definição, a construção e a consolidação dos Estados-Nações. Somente grandes nomes para animar os colóquios e conferências! Cheukh Anta Diop, Ibrahima Baba Kaké e naturalmente Joseph Ki-Zerbo chamaram a nossa atenção para a importância do conhecimento histórico desde o ensino secundário.

A última vez em que nos tínhamos encontrado e tirado uma fotografia tinha sido na Casa da Cultura Douda Seck (durante o ano de 2005) onde, depois da Universidade de Saint-Louis, ENDA, sob a autoridade de fogo de Mohammed Soumaré e Raphaël Ndiaye, lhe tinha sido organizada uma bela cerimónia de homenagem. Sentia-se o peso da idade nos seus reflexos físicos, mas o seu espírito continuava vivaz. Falou-nos durante mais de uma hora, com a paixão que lhe conhecíamos, sobre o futuro de África, o seu lugar na globalização, o papel das oposições na construção democrática, a situação dos direitos humanos no continente, etc.

Aprendíamos sempre junto deste homem, de uma bondade infinita que me inspirava confiança e coragem. Um dia, quando

Penda Mbow
UCAD de Dakar,
Senegal

se aproximava o inverno na Suécia, encontrámo-lo por acaso nas ruas de Uppsala onde ele era bolsheiro da Fundação Dag Hammarskjöld para finalizar uma das suas muitas obras; o que não deixou de me revigorar para o resto da minha estadia.

Tirando a sua emblemática *Histoire de l'Afrique noire*, publicado pela Hatier em 1972 e 1978 e que nos iniciou à compreensão da evolução do nosso continente, gostamos particularmente da obra que ele dirigiu no CODESRIA e que se intitula *La natte des autres*. Nesse livro, ele torna a colocar uma questão que continua a ser actual, a da identidade cultural. Nesta homenagem iremos visitar alguns temas da obra monumental de Joseph Ki-Zerbo. Assim, abordaremos a filosofia da história ou historiografia de Joseph Ki-Zerbo, em segundo lugar a identidade e a importância da educação para ele, antes de terminar com aquilo que consideramos como novas questões.

Joseph Ki-Zerbo e a historiografia

A releitura de Ki-Zerbo lembra-nos que os desafios em torno da disciplina histórica são mais do que nunca fundamentais para o futuro da África negra¹. Na sua definição das tarefas da história africana, ele lembra a evidência do motivo subjectivo da valorização desse passado, apesar de não se poder deixar-se de interrogar sobre a objectividade da pesquisa histórica. A esta perplexidade, ele dá uma resposta considerando que se trata de uma procura da identidade através da junção de elementos dispersos de uma memória colectiva, sobretudo num contexto em que a história foi transvestida. Durante a colonização, a “história foi apenas um vulgar apêndice, fragmento da história do colonizador” (Ki-Zerbo 1978: 9).

Uma preocupação sua de Ki-Zerbo era justamente não desertar da frente do conhecimento deixando a África entregue à cu-

riosidade de todos os que não deixaram de prolongar o procedimento inquisitório dos etnólogos, colocando-se questões, imediatamente após a acessão à soberania internacional da maior parte dos Estados africanos e que afirmavam a sua presença enquanto entidades autónomas. “Mas de facto que são esses africanos? O que fizeram eles até agora? De onde vêm eles?” Na formulação destas perguntas, detectava-se uma forma de cepticismo ou mesmo de desprezo.

J: Ki-Zerbo não era apenas motivado por esta vontade de cortar o caminho a todos que duvidavam, mas procurava sobretudo revelar e valorizar as brilhantes civilizações africanas como as de Ife, Nok, do Rift Valley, actualizadas pelas descobertas arqueológicas, mas também a história dos grandes impérios do Sudão ocidental medieval, do Gana, Mali, Songhai entre os séculos III e XVI.

Apesar dos obstáculos da raridade das fontes escritas, o carácter tendencioso das fontes árabes ou o surgimento tardio das fontes europeias (a partir do século XV com autores tais como Léon l'Africain ou Ca Da Mosto), Joseph Ki-Zerbo não perdeu de vista o facto de que neste papel que ele se tinha atribuído, existia uma dimensão problemática. A reescrita da história deveria tomar em conta grandes debates da época relativos à inferioridade da raça negra, mas sobretudo o carácter não “autóctone” das brilhantes civilizações que existiram no continente africano. O Negro, matéria-prima amassada no decurso das idades pelas influências exteriores, vindas dos fenícios, dos romanos, dos judeus, dos árabes, dos persas, dos hindus, dos chineses, dos indonésios, e (last but not least) dos europeus, é este o pano de fundo que subtende a pesquisa de alguns historiadores africanos e a maioria dos historiadores não africanos.²

Mesmo assim, para Ki-Zerbo, esta rareza de fontes em vez de ser um obstáculo, acaba por se revelar um motivo de ligação à “escola histórica mais moderna, a mais abrangente, a mais rica em possibilidades para a exploração do passado, a dos adeptos da história total” (Ki-Zerbo 1978: 15). A este nível, só podemos ser admirativos diante do procedimento do

visionário que era o de quando se sabe que a sistematização da nova história ou história total decorrente da filosofia dos historiadores da Escola dos Anais (a partir dos anos 40) só conheceu só conheceu o seu enobrecimento muito tarde, mesmo nos casos em que a pesquisa histórica é antiga e remonta pelo menos ao século XIX, quer à França.

Ki-Zerbo, ao querer contornar o obstáculo da etno-história encontrou contudo confrontado com a ausência daquilo a que Jacques Le Goff qualifica como “parte cumulativa” da pesquisa histórica, lembrando que a história é antes de mais o exercício permanente de um certo olhar, de um certo espírito crítico, de um certo “fazer” (Le Goff 1988: 13).

A este nível, Ki-Zerbo faz sua a lição do pai fundador da Escola dos Anais, Marc Bloch no que diz respeito ao carácter essencial do empirismo e da observação, pois sem negar a importância fundamental dos escritos, *os testemunhos mesmo sem quererem*, revelam-se muitas vezes mais eloquentes, menos sujeitos a caução do que as relações escritas marcadas por uma certa subjectividade.

Assim, Ki-Zerbo não negligenciou nenhum traço da história, material ou imaterial: da tradição oral às ciências auxiliares da história, como a arqueologia e a linguística. As marcas do passado de África foram procuradas em todo o lado, nas obras de arte, nos quadros geográficos. Não deixou também de confrontar o método histórico com o de outras disciplinas como a etnologia e a antropologia cultural. Vê-se a este nível que Joseph Ki-Zerbo não escapou às preocupações dos intelectuais da sua geração: a dimensão culturalista que explica numa certa medida a sua ignorância da sociologia.

Ki-Zerbo nunca contornou as dificuldades como a cronologia em relação à qual ele evitou sobretudo a abordagem eurocentrista que delimita a história na Antiguidade, Idade Média, Tempos Modernos, História Contemporânea. Ele foi guiado pela necessidade de se basear ao mesmo tempo em divisões que englobam as grandes épocas históricas, mas também a delimitação das regiões históricas caracterizadas por situações e condições particulares e a originalidade das entidades políticas. Assim, Ki-Zerbo propõe as fases seguintes para se distinguir na história africana:

- As civilizações paleolíticas com uma liderança incontestável da África;
- A revolução neolítica e as suas consequências (demografia, migrações, etc.);
- A revolução dos metais ou a passagem dos clãs para reinos ou impérios;
- O século de reajustamento: primeiros contactos europeus, tráfico dos negros e suas consequências (séculos XV – XIX);
- A ocupação europeia e as reacções africanas até ao movimento de libertação depois da segunda guerra mundial;
- A independência e os seus problemas.

Joseph Ki-Zerbo escapou realmente à dominação da história colonial? Pelo menos, tentou tornando complexas e sofisticadas as problemáticas para impelir os jovens africanos para a reflexão e curiosidade intelectual. A sua concepção da história tem uma certa elegância. A história é uma ciência humana, diz ele, que está à procura de um certo grau de certeza, dita moral ou de probabilidade, que lhe permite restituir e explicar o passado do homem (Ki-Zerbo 1978, p. 27).

Esta história de África é uma verdadeira soma na qual nada é deixado ao acaso com uma metodologia sem falhas; para cada parte é dedicada uma bibliografia exaustiva. Com esta obra Ki-Zerbo legou a qualquer pessoa em busca de conhecimento sobre a história africana, um instrumento incomparável. É depois de ter resolvido, à sua maneira, esta questão da história africana que ele se virou para o aprofundamento de temas como a identidade, a educação e as novas questões onde nós agrupamos a democracia, a igualdade dos sexos, etc.

A identidade e a importância da educação

Duas preocupações que subtendem toda a reflexão de Joseph Ki-Zerbo: a identidade e a educação. O homem político sensato, como ele era, pensava que a independências política precedia e garantiria a autonomia cultural nacional. Mas ele tinha também tomado consciência do que isso realmente significava para os nossos povos para a sua soberania cultural: “Ele sabia que fazer respeitar a nossa personalidade era ao mesmo tempo colocar a questão da solidariedade cultural dos povos negros, garante da salvaguarda dos nossos valores de civilizações e do

respeito pela nossa dignidade. Ele sabia que a unidade política de África não se faria sem uma visão clara da identidade cultural das nossas áreas de civilizações”. Na verdade, esta ideia das áreas culturais é essencial para se conseguir qualquer política de integração nos nossos dias.

A delimitação da história em Ki-Zerbo baseia-se justamente na história das regiões, como foi já lembrado. O projecto humano preconizado pelo nosso historiador estrutura-se a partir da reconstituição da identidade e do reconhecimento de um conjunto de valores. A finalidade deste enraizamento identitário é o desenvolvimento. Trata-se de se basear antes de mais na sua própria “esteira”.³ A este nível, Ki-Zerbo está tão próximo de Léopold Sédar Senghor. A força do pensamento de Ki-Zerbo a este nível é tal que é preciso retomar-se o autor integralmente: “... o homem do século XXI. Um homem aberto à alteridade que, com base num mínimo económico e social, está aberto às relações, aos laços humanos, a uma ética universal e aos valores. Quando falo de valores, penso nos valores morais, psicológicos, ideológicos e religiosos, mas não unicamente. Proponho pois um projecto, um foguetão de três andares: os bens económicos, os laços sociais (...) e os valores. Este projecto humano não visa simplesmente maximizar o consumo material, ele construir-se-á com base nos valores da solidariedade, da convivialidade, da alteridade, da compaixão, do controlo de si próprio, da piedade e do equilíbrio inspirado pelo Maât faraónico” (Ki-Zerbo 2003: 181).

A concretização deste projecto assenta no pesquisador, o intelectual africano que tem como imperativo categórico não dissociar as suas actividades da vida real. A melhor chave para se colocar correctamente os problemas africanos e assim validamente a sua resolução, é o conceito de desenvolvimento endógeno.

A questão, desde logo legítima de se colocar, é a responsabilização pela globalização. Antes de mais, o conceito de desenvolvimento endógeno não é fixo em Ki-Zerbo e não significa uma viragem para si próprio, mas para ele, “não existe nenhuma sociedade sã, sem metabolismo interno integrado, sem processos auto-gerados e auto-propulsados” (Ki-Zerbo 1992: 1).⁴

Segundo Ki-Zerbo, o subdesenvolvimento resulta de um procedimento demasiado simples que faz aparentar os países afri-

canos a uma tábua rasa, um sahará cultural, uma página em branco pronta para todas as cópias.⁵ No entanto, o historiador adverte contra a confusão entre “tradicional a preservar” e endógeno que tem a ver com a inventividade, inovação. É por essa razão que Joseph Ki-Zerbo considera que o endógeno se encontra em todas as formas de expressão artística.

É a partir de uma abordagem endógena, de melhoria das tecnologias endógenas que a África poderá reduzir a dependência. De entre os desafios a enfrentar, consta a utilização das línguas africanas no domínio da tecnologia. Isto leva-nos a evocar uma ideia muito querida para Ki-Zerbo (1990): a educação cuja importância se resume pelo título de uma das suas célebres obras publicada pela UNESCO, *Éduquer ou périr*.

No projecto de educação, as línguas ocupam um lugar primordial. O problema das línguas é fundamental porque toca na identidade dos povos. E a identidade é necessária para o desenvolvimento, assim como para a democracia. Isto leva-nos a evocar outras ideias de Joseph Ki-Zerbo.

As novas questões

Um intelectual realizado! Um homem moderno, pois, apesar da sua idade, não se distanciava nunca das preocupações do seu tempo. No seu livro-entrevista – o testamento que ele nos legou – com René Holenstein, “*À quando l’Afrique?*”, ele é o porta-bandeira da luta pela emancipação da mulher, pelo respeito dos direitos da africana! É verdade que quando ele redigia a história da África negra, não se tratava ainda de “engendering the social sciences”, mas os historiadores foram os primeiros a fazer aparecer a relação entre a África e a mulher; Cheikh Anta Diop através da explicação

da importância do matriarcado nas sociedades agrárias africanas contribuiu grandemente para isso; Baba Kaké andou por todos os liceus nos anos 70 para fazer conferências sobre Anne Zinga, a Rainha do Matamba antes da publicação da sua biografia na colecção “as grandes figuras da história africana.

No que diz respeito a Joseph Ki-Zerbo, ninguém poderá acusá-lo de ocultar o lugar das mulheres na história africana. Por exemplo, a propósito das origens do Imperador do Gana, ele tornou a falar muito sobre o carácter incontornável do sistema matrilinear na devolução do poder, o

papel das mulheres na vida quotidiana, a sua participação na resistência à colonização. Ele baseou-se nas fontes árabes, arqueológicas, na tradição oral atravessando todos os períodos: da pré-história até à época moderna, para reconstituir a civilização africana na sua grandeza, sem ocultar o lugar da mulher.

Conseguiu mostrar o carácter não discriminatório das sociedades africanas tradicionais onde “as mulheres eram terapeutas, sacerdotisas, soberanas rivais da faraona Hatshepsout”. Através dos seus trabalhos, Ki-Zerbo ajudou a africana a redescobrir os seus múltiplos saberes, apesar de lamentar a deterioração desses saberes com a experiência colonial.

A fineza da análise de Joseph Ki-Zerbo, com seguramente a contribuição de Jacqueline, fez-nos reflectir muito quando ele afirma nunca ter ouvido um debate do tipo, a propósito da escolarização das raparigas: “as mulheres são capazes de fazer isto ou aquilo?” É antes no terreno do dever que se interroga: “Será que é bom para a família e para a sociedade que as mulheres prossigam os seus estudos?” Quando ele evoca os direitos da mulher, fá-lo com conhecimento de causa, pois ele integra esta questão numa abordagem mais global, a da cidadania, da democracia e da governação.

É sobretudo para lamentar o défice de cultura política em África. Ki-Zerbo exprimiu-se longamente sobre os grandes debates do século XXI africano como as condições de um estado federal, multiétnico e o renascimento africano. O seu pensamento explorou os principais domínios procedendo a um brevíário para superar o subdesenvolvimento e lutar contra a marginalização do continente africano.

Conclusão

Esboçámos apenas algumas ideias essenciais de Joseph Ki-Zerbo em guisa de homenagem, pois é um desafio querer resumir o pensamento deste intelectual multidimensional. Ele participou sobretudo, durante décadas, desde há várias gerações, para o esplendor da cultura negra e para o despertar de uma consciência de civilização. A sua autoridade científica e o seu prestígio fizeram o orgulho do departamento de história durante os anos do seu exílio em Dakar.

Joseph Ki-Zerbo dorme em paz, tu fazes parte da seiva nutridora que alimenta a

esperança de todos os que crêem na nossa África!

Notas

1. O discurso pronunciado pelo presidente da república francesa a 26 de Julho e as reacções que ele suscitou na intelligentsia africana reactualiza todo o combate de Joseph Ki-Zerbo e dos da sua geração.
2. Mesmo os próprios africanos não escaparam a esta visão negativa da sua própria história. Abdoulaye Bathily (1972: 67-112) fustigou-o criticando as visões de Raymond Mauny, Maurice Delafosse que não deixaram de atribuir a criação dos grandes impérios a influências externas à África negra. Mas é preciso admitir que esses autores modernos são muitas vezes tributários daquilo a que Cheikh Anta Diop (1987: 162) deplora em *l’Afrique noire précoloniale* e chama “cherifismo” à tendência irresistível da maior parte dos grandes chefes muçulmanos da África negra de se ligarem, por uma acrobacia qualquer, à árvore genealógica de Maomé. Paris, Présence africaine. 1987 p 162.
3. Em referência à obra colectiva dirigida por Joseph Ki-Zerbo (1992) intitulada, *La natte des autres*.
4. Ki Zerbo (1992 : 1). No momento em que estas linhas são escritas, estávamos a acompanhar furtivamente uma reportagem sobre Mahatma Gandhi. Se a Índia se tornou hoje na 11.^a potência mundial é porque houve visionários como o Mahatma, pois no seu pedido de tecer o algodão e de produzir as suas próprias roupas, ele fez uma acto decisivo indo no sentido da auto-suficiência, em vez de serem consumidores passivos.
5. Um dos dramas da África é que na maior parte das vezes os seus filhos e filhas perderam a fé nela. O drama da imigração clandestina que fez morrer milhares de jovens no oceano Atlântico entre 2005 e 2006, ilustra até que ponto os jovens africanos perderam a esperança. Apesar disso, a África é um dos continentes mais ricos, em termos de potencialidades.

Referências

- Bathily, A., 1972, «A Discussion of the Traditions of Wagadu with some References to Ancient Ghana : including a Review of Oral Accounts, Arabic Sources and Archeological evidence », *BIFAN*, série B, XXXIV, pp. 67 -112.
- Diop, C. A., 1987, *L’Afrique noire précoloniale*, Paris : Présence africaine.
- Ki-Zerbo, J., 1978, *Histoire de l’Afrique noire : d’hier à demain*, Paris : Hatier.



Ki-Zerbo, J., 1990, *Éduquer ou Périr !*, Paris : UNESCO.

Ki-Zerbo, J., dir., 1992, *La natte des autres. Pour un développement endogène en Afrique*. Actes du colloque du Centre de Re-

cherche pour le Développement Endogène (CRDE), Bamako 1989. Paris, Karthala, Dakar, CODESRIA.

Ki-Zerbo, J., 2003, *À quand l'Afrique ?* Entretien avec René Holenstein, La Tour d'Aigues F-

84240 : Éditions de l'Aube (Diffusion Seuil) ; Genève : Éditions d'en bas.

Le Goff, J., dir., 1988, *La Nouvelle histoire*, Paris : Éditions Complexe.